

VILÉM FLUSSER

Na última sexta-feira tentei deduzir dos conceitos latinos "lares e penates" aquele traço da nossa mentalidade que resultou na tecnicização da nossa civilização, e no caráter imperialístico que lhe é inerente. No curso dessa análise apareceram os termos "ager", "cultus", "res", "pecunium", "lex" e seus derivados, e o conceito fundamental de "civis". Mas este complexo de termos por si só não explica a mentalidade tecnológica que nos caracteriza. Tentarei hoje uma ampliação da discussão, para que possamos compreender melhor o que se deu conosco naquela época fundamental para a nossa história que é o renascimento. Para tanto proponho a consideração dos seguintes termos:

Vis, vir, virtus: (força, homem macho e virtude). Começarei pela seguinte frase famosa: "Ut desint vires tamen est laudanda voluntas" (onde faltam as forças a vontade é ainda louvável). Direi que para o romano a vontade é a força virtual e que é a partir da vontade que compreenderemos os três termos propostos. Disse que o culto romano ao sacro consistia ~~na~~ no "rem gerere" (criar coisa), numa espécie de guerra movida pela pátria contra a matéria, e que o campo dessa batalha era o campo da ação (ager). O resultado dessa batalha era a agricultura. Mas o fundamento dessa batalha, o motivo a partir do qual a pátria se põe em movimento, é a vontade, e o brado de guerra é "volo" (quero). E se quero, posso. Este é o profundo significado do termo "patria potestas" (poder paterno)*. A carga dinâmica que o termo "poder" tem em todas as línguas latinas, e que falta por exemplo em alemão, vem desse voluntarismo que lhe serve de fundo. O substantivo de "poder" (koennen) em alemão é "Kunst" (arte), e a imagem que lhes estou pintando dos romanos não deve ser confundida com algum nietzscheanismo mal aplicado. Pelo contrário, a arte é, na mentalidade romana, algo totalmente estranho ao poder, se não um desvirtuamento do poder no sentido latino do termo "desvirtuamento". A arte tem sempre um aroma de artifício e artimanha. Não é como artistas que os romanos são nossos antepassados. Mas é como potência que Roma é uma das nossas fontes. A potestas como resultado da voluntas não é portanto a "Macht" como resultado do "Wille", mas é o começo de toda uma cadeia de realizações na guerra da pátria contra aquilo que está fora do limes. A pátria potestas é o potencial das conquistas. Voltarei ao termo "conquista" mais tarde.

A vontade é a potência virtual, e a potência é a cultura e civilização virtual no sentido desses dois últimos termos que tentei elaborar na última aula. Como vêm os senhores, o caráter fundamentalmente sexual e masculino do projeto romano transparece claramente na formulação proposta. "Virtual", isto quer dizer carregado de "vis", de força, é esse projeto. E essa força é a força da potência masculina. O pater é possuído de vis graças a sua vontade, e essa força ele vira contra a matéria para possuí-la. Assim ele alcança poder sobre a matéria, e esse poder é frutífero, porque gera agricultura, isto é "res gestae" (coisas geradas). O mundo é concebido portanto de maneira dualista. A matéria inerte e feminina é o campo a ser arado pela força masculina paterna. O ato sexual é o protótipo do "actum" que resulta em civilização e cultura. A força violenta "vis" é o método do culto ao sacro dos lares.

O pater é portanto um "vir", um macho possuído de força. Neste ponto do argumento permitam que volte um instante aos mitos romanos. Sabemos que um dos deuses mais importantes da Roma arcaica era Marte, e que o campo de Marte era o ager primitivo. Mas Marte era posteriormente identificado com Ares e perdeu o seu caráter latino. Ares, como já disse quando tratei dos gregos, tem algo a ver com Polemos, com polemica e dialética portanto. Com esta sua problemática nada tem em comum com o conceito marcial romano, que não sofre das inibições gregas. O Marte primitivo, o Marte autenticamente latino, é uma divindade que tinha um outro nome, muito revelador do meu ponto de vista. Chamava-se Quirinus. Tinha o seu templo numa das colinas romanas, chamada "quirinalis". Já ardia a sua chama, "flamen quirinalis". Mais tarde, quando Marte tinha sido identificado com Ares, foi identificado Quirinus com Romulus, o fundador de Roma. Os machos romanos chamavam a si mesmos de "quirites", e o nome oficial do povo romano era "populus romanus quiritium" (o povo macho romano). "Qu" e "v" são etimologicamente equivalentes. Em vez de "Quirinus" podemos dizer "virinus". O deus da guerra é, a meu ver, o projeto mítico do "vir", do macho que move guerra à matéria, à natureza.

É a guerra com a criação da Pátria.

x Isto é "o pai poder". ** Além, a viragem de Féria clássica de forças espindo sob o corpo é uma realização deste projeto romano.

VILÉM FLUSSER

A qualidade viril da mentalidade romana não pode ser suficientemente salientada. Ela permeia todas as coisas romanas. O mundo masculino dentro do qual vivemos e dentro do qual a própria emancipação da mulher não passa de uma virilização, é em grande parte consequência da nossa herança latina. No mundo grego existia um projeto autenticamente feminino, encarnado por exemplo pela Sibila e a Haetera. E o mundo judeu, embora aparentemente patriarcal, era no fundo um mundo feminino, já que o povo judeu era uma espécie de noiva de Deus. O fervor religioso judeu tem algo de uma entrega feminina, um render-se a Deus. Nada mais alheio a projeto romano, que é um projeto guerreiro, portanto autenticamente masculino. A matrona, que é a mulher protótipo latina, é um dos objetos da patria potestas, é um instrumento para a procriação de patricios, e não tem existência independente do pater. O sentimentalismo latino em relação à mãe, por exemplo a "mamma" dos italianos, é uma prova existencial dessa englobação do elemento feminino no projeto do macho. A prepotência masculina resulta na dupla moralidade que caracteriza tão fundamentalmente a civilização do Ocidente. A virgindade é um aspecto da santificação do lar, e prova que a mulher é um instrumento no ritondos lares. Isto explica as virgens vestais e ilumina, de um novo ângulo, o mito de Vesta, que discuti na última aula. O culto da Madonnã, tão característico dos povos latinos, portanto daquela parte do Ocidente que melhor conservou a herança latina, ilustra bem o que tenho em mente. E a adoração do elemento feminino transformado em instrumento de um projeto masculino, neste caso do instrumento que produz o Deus encarnado. Que se trata de um projeto fundamentalmente masculino, podemos ver até nos termos que a ele são aplicados. Pois não é chamada Nossa Senhora Aparecida de "padroeira"?

A "vis" do "vir", a força do macho, é a sua "virtus", a sua virtude. E preciso sorver a fundo este caráter dinâmica que informa a ética romana. Algo desse caráter transparece na forma portuguesa "em virtude da chuva cresce a planta". É pela força da chuva que ela cresce. E por ser macho, é por ter força, que o romano é virtuoso. A ética romana é fundamentalmente uma ética de força, uma valorização da ação sobre a paixão, e o direito romano é, a despeito de todas as aparências, um direito do forte. Não cabe, no curso destas aulas, a discussão desta minha tese, mas sugiro que alguém entre os senhores que está interessado na filosofia do direito a examine. Dou como único exemplo o fundamental postulado que não há crime sem acusação e sugiro que a frase "audiatur et altera pars" (que a outra parte seja ouvida também) aponta na direção por mim indicada. Não é entretanto o aspecto legal da ética romana que me interessa neste contexto. É o aspecto moral, e nesta distinção sigo o pensamento latino. "Mos", o costume, a tradição, é o que me interessa. Para esse "mos" é a "lex" apenas um aspecto superficial, e são, com efeito, as "mores" que preoocupam, como sabemos da escola, os oradores latinos. E a palavra "mos" vem do verbo "movere", é o moto perpetuo do pensamento latino. Não existem moralistas mais insuportáveis que os autores latinos. A ética dinâmica e a ética como tradição é uma consequência da santificação do lar, porque a tradição, o costume é a eternalização da casa. E nos atos costumeiros, nos atos tradicionais que o lar se conserva. Os romanos, por serem servidores do lar, e por serem guerreiros, são conservadores. Com efeito, a mentalidade conservadora é a aliada natural do patriotismo. Mas a moralidade romana é dinamicamente conservadora. A virtude romana é a expansão das tradições, a abertura de novos campos aos velhos costumes. Os assim chamados revolucionários romanos, cujo exemplo mais característico é Brutus, são renovadores dos costumes antigos em território novo. A virtude reside justamente na adaptação dos novos territórios ao costume velho, e não na adaptação do costume ao terreno novo. E um outro aspecto da guerra que o lar move ao agir. O agir é engolido pelo lar, e não o lar pelo agir. O projeto romano é caracterizado pela sua rigidez, pela sua pouca flexibilidade. A virtude romana é rígida, mas expansionista. É uma virtude de conquista. Todo este meu argumento foi construído por mim para conduzir o seu pensamento em direção do termo "conquista", que me parece iluminar o próprio centro do projeto latino. Não analisarei esse conceito tão cheio de significado, a na

* Igha é o direito como duelo.

** Os lares são, de uma parte de outro, os costumes dinamicamente

VILÉM FLUSSER

ser em um único aspecto. Vem do verbo "quaerere", que é traduzido por "perguntar", mas do qual vem o verbo "querer" da língua portuguesa. A atitude do romano em sua guerra contra a materia, contra aquilo que está além das fronteiras do imperio, é uma atitude inquisitiva. Os romanos são os inquisidores do mundo, antes de serem os seus conquistadores. Querer o mundo é questionar o mundo. O mundo não é para o romano, como o é para o grego, um problema a ser resolvido, mas é uma questão a ser dominada. Um dos magistrados mais importantes da republica era o quaestor. Tornou-se, depois do Constantino, o quaestor sacri palatii, algo portanto como primeiro ministro. De certa maneira podemos dizer que toda a republica era uma quaestura. O quaestor era o que nós chamaríamos o contador chefe do estado. Como questionadores do mundo, são os romanos os nossos arquétipos dos computadores. A sua curiosidade ante o mundo não era a curiosidade teorica dos gregos, mas a preocupação prática com o melhor método de conquista-lo. Os autores romanos não nos falam, portanto, dos elementos teoricos da natureza, mas como plantar oliveiras. Não nos contam das bases teoricas de uma polis ideal, mas da organização das tribus germanicas a serem conquistadas. O questionar romano é um querer, nada tem de contemplativo. É portanto uma virtude. Graças ao questionar será um mundo subjugado, será incorporado ao lar imperial romano. Graças a ele serão os costumes, os "mores" latinos extendidos sobre o "orbis terrarum". O questionar e a conquista são armas na luta da patria contra a materia, são portanto virtuosos. Com efeito, questionar a materia é um serviço sacro, porque graças a atitude inquisitiva a materia será submetida às "mores" do lar para ser dominada. *x

• Para não dizer Computar.

Interrompo por um instante o fio do argumento. Peço aos senhores, ^{que recordem} o que disse ao discutir os projetos judeus e gregos. Disse que para os judeus a atividade humana dentro da natureza era uma virtude (mitzvá) quando de acordo com os mandamentos divinos. E disse que para o grego essa mesma atividade era uma virtude (arete) quando de acordo com heimarmene, a ordem divina. Agora posso afirmar como é falha a tradução de mitzvá e arete por virtude. Para o judeu como para o grego, e nisto os dois projetos são parecidos, é a natureza uma mera cortina, um mero pretexto, para a execução de atos virtuosos. Para o romano é a natureza a própria meta da ação virtuosa, que é justamente a conquista da natureza. O projeto judeu e grego é fundamentalmente dirigido em direção de uma meta transcendente, e o projeto romano é puramente terreno. A virtude romana é portanto exatamente isto que seria chamado "pecado" dentro do judaísmo, e "doxa" (opinio falsa) dentro da cosmologia grega. Esta praticidade do projeto romano, esse apego ao imediato, que tem por consequência uma total falta de escrúpulos digamos ideológicos, explica a facilidade com a qual Roma conquistou o mundo grego e semita. Era como se um tigre faminto se tivesse lançado sobre um filósofo e um profeta. Mas essa mesma praticidade, que é uma superficialidade, explica também a facilidade com a qual o projeto grego e judeu dominaram Roma por dentro, para dar luz à civilização do Ocidente.

Fechada a parentese, volto ao argumento. A conquista é a expressão máxima da virtude romana, porque ela é a suprema expressão do querer, do questionar e da vontade romana. É pela conquista que a patria potestas se estabelece e propaga, e é pela conquista que a cultura e civilização se estabelecem e propagam. Não é por nada que falamos das conquistas tecnológicas e da conquista da lua. A conquista é o aspecto moral da luta do macho romano contra a materia, como o imperio é o aspecto ontológico dessa luta. O imperio realiza res gestae (coisas geradas), e a conquista faz com que sejam boas essas coisas. O imperialismo ocidental é uma atitude ética, e não somente criadora de realidades. Mas a conquista tem também um caráter epistemológico que precisa ser iluminado, embora brevemente. A conquista é o método romano de se chegar à verdade. É questionando a materia que conquisto a verdade. A palavra "veritas" explica o que tenho em mente. A verdade é aquilo que vejo. É preciso portanto que eu vá até a coisa, para ver ela, para pegá-la na mão (apraehendere) e para engoli-la (compraehendere), em fim, é preciso que eu a conquiste. Como vêm os senhores, a verdade latina é exatamente aquilo que é o engano para os gregos. Para os gregos a verdade (aletheia) é o des-

à "doxus" *x De fato, o "vir" torna-se "dominus", e "vis" torna-se "civilitas".

VILÉM FLUSSER

coberto, aquilo portanto que está atrás da cousa. Para os romanos a verdade é a cousa mesmo. Os gregos são descobridores, os romanos são conquistadores. Como estas duas mentalidades se fundem para dar luz ao inventor, será tema de uma das aulas futuras.

A luz do exposto passo finalmente a considerar o renascimento. Essa época deu origem à ciência no sentido moderno do termo. Em que se distingue essa ciência das disciplinas que assim denominamos, erroneamente conforme creio, que os gregos cultivavam? Justamente pelo elemento romano que nela se encerra. A ciência não é somente um perscrutar dos problemas que os fenômenos oferecem, com o fim de rasgar esses fenômenos e descobrir o fundamento noético, embora esse aspecto teórico da ciência seja notável. A ciência é também um querer conquistar a natureza, um querer domina-la no sentido do termo que discuti na última aula. A ciência é também uma atividade domesticadora. Em consequência é a ciência uma atividade híbrida, e essa tensão interna caracteriza toda Idade moderna. O lado teórico e racional da ciência, que já discuti quando falei do projeto grego, não se coaduna bem com o seu lado prático e empírico que estou discutindo hoje. A decadência da ciência como teoria, à qual estamos assistindo, não toca diretamente o desenvolvimento da ciência como conquista da natureza, porque vista assim, a ciência nunca teve triunfos maiores como justamente hoje. Mas a tensão entre o lado teórico e prático da ciência, tão evidente agora, sempre perturbava profundamente a própria estrutura dessa disciplina. Um aspecto puramente formal dessa tensão é a forma do raciocínio do argumento científico. Consiste na indução e na dedução, ou, para usarmos termos mais palpáveis, na experiência e na hipótese nela fundada. Mas a indução é exatamente aquilo que a lógica aristotélica não admite. Com efeito, a indução é nossa herança latina, é o ver para crer que constitui a veritas romana. Se analisada a ciência assim, como mistura inorgânica de elementos gregos e latinos, creio que desvendaria aspectos ricos em sugestões que talvez contribuiriam para a compreensão da crise na qual nos encontramos atualmente. Não sei de nenhum trabalho neste sentido, embora o meu argumento esteja na linha do pensamento de um Dilthey por exemplo. Reservo a discussão desse problema, que confesso me entusiasma, para uma aula futura. Para hoje deixo o fio do argumento como que pindurado no ar, num ar, espero, cheio de expectativa.

A tecnologia que caracteriza a nossa civilização de maneira tão marcante, é resultado dos elementos latinos na ciência moderna. Tendo tentado de demonstrar o seu caráter imperialista na última aula, e tendo sugerido o seu caráter virtuoso na aula presente, passo a considerar a crise, na qual o próprio êxito da tecnologia nos mergulha. Resumirei esta crise numa única frase: graças à tecnologia torna-mos excessivamente machos. Violentamos tudo. As cachoeiras impelem os nossos geradores, as onças fornecem casacos de peles, e os ventos uivantes dos jatos nos levam para aeroportos, para dar exemplos drásticos e ilustrativos. Transformamos a matéria em prostíbulo, e a magna mater em "hostess". Mas não pode haver nenhuma virtude, mesmo no sentido latino do termo, em continuar violentando uma prostituta, que de qualquer forma já está mais que pronta de entregar-se. Que tipo de conquistadores somos, em meio de um inferninho, no qual transformamos o mundo? Que tipo de legionários somos para transportar as estandartes da santa loba para lugar que de santo nada mais tem, já que totalmente submetidos às leis da polícia sanitária, portam-se em lugares totalmente domesticados pela nossa copa e cozinha? O nosso nojo existencial tem esta dimensão tipicamente romana: a realização total do projeto romano transformou a copa e a cozinha sacra em boite, ou no melhor dos casos em drug-store. Podemos autenticamente adorar os nossos lares e penates diante de telas de televisão ou deixando no lar um baby-sitter? A decadência da família, que é a decadência da família romana, é para mim um aspecto típico do desenvolvimento da tecnologia como realização total do projeto latino. Ainda terei oportunidade de discutir os problemas da sociedade tecnológica em outro contexto, quando tiver a ela assimilado os seus elementos germanicos e eslavos. Para hoje devem bastar as sugestões que acabo de lançar-lhes. Sei que nem na última aula nem hoje fui justo à nossa herança latina. Peço

VILÉM FLUSSER

que as injustiças que cometi sejam tema da discussao seguinte. Na proxima sexta-feira pedirei aos senhores que me acompanhem numa paisagem totalmente diversa. Ité agora todas as nossas discussoes se desenrolaram no ambiente claro e lúcido das terras mediterraneas, onde crescem figueiras, oliveiras e no máximo ciprestes. Praias gentis banhavam a nossa argumentações, e um céu azul lhes sorria. Na proxima aula transportarei os senhores para as florestas sombrias e frias da Europa central, onde o Ur e o urso habitam, e onde de o lobo uiva. Todo o clima das nossas discussoes mudará, quando serao evocados os germanos e, mais tarde os eslavos, esses filhos das trevas. Não posso portanto deixar, ao despedir-me das terras risonhas do mediterraneo, de relembrar os senhores que é nessas terras que crescem as nossas raizes, e que é lá que as nossas ilusoes se encontram. Citarei, como despedida, o famoso poema de Goethe: Kennst du das Land, wo die Zitronen bluehn, im dunklen Laub die Goldorangen gluehn, Kennst du es wohl, dahin, dahin, moecht ich mit dir, o mein Geliebter ziehn. (Conheces o paiz aonde florescem os limoes, em folha gem escura resplandescem as laranjas douradas, conheces o paiz? Para lá, para lá, queria viajar, amado, contigo).